

# Atriz chega ao sucesso na contramão

ELCIO PARAÍSO - 2.2.2001

**Tânia Castello, que vive famosa espiã Mata Hari no espetáculo homônimo, troca os palcos de São Paulo pelos de Minas**

PAULO CAMPOS  
REDATOR

A legendária espiã Mata Hari desperta paixões até hoje. No palco do teatro Marília, de sexta a domingo, a sensual dançarina ganha o corpo e a voz da atriz paulistana Tânia Castello, 38. Num curioso processo inverso – os atores mineiros normalmente sonham em trabalhar no eixo Rio-São Paulo –, Tânia encontrou em Minas o que chama de um "intercâmbio" perfeito.

Poucos desconfiavam, no entanto, que Tânia já viveu pequenos papéis em novelas de sucesso como "A Próxima Vítima" e em séries como "Sandy & Júnior". No cinema, poucos também vão se lembrar dela em filmes como "Castelo Rá-Tim-Bum", de Cao Hamburger, e "Por Trás do Pano", de Luis Villaça, no qual contracena ao lado de Denise Fraga.

Para uma pessoa que vive de teatro – além de atuar, Tânia dá aulas de interpretação –, ela tem uma carreira que faria inveja a muito ator. Já trabalhou ao lado de Raul Cortez ("Xeque e Mate") e foi dirigida por nomes como Gianfrancesco Guarnieri ("A Luta Secreta"), Miriam Muniz ("Madame Sade") e Roberto Lage ("Tâmara").

De acordo com Tânia, o teatro continua sendo a melhor forma de expressar seus sentimentos. E foi em Minas, confessa, que ela encontrou essa "simbiose maravilhosa". A simbiose no qual ela sempre se refere tem dois nomes, Carlos Gradim e Yara de Novaes, os dois mineiros que conheceu em São Paulo, fundadores da Odeon Companhia Teatral.

Gradim e Yara descobriram em Tânia a protagonista ideal para viver a espiã holandesa. Mesmo com 1,62 m, ela é uma daquelas atrizes que crescem no palco quando encarnam um personagem mítico. Na época, lembra Gradim, ele fazia testes para o infantil "Vô Doidim e os Velhos Batutas", e Tânia ganhou o papel de uma bruxa modernosa.

Hoje, depois de travar um contato maior com o teatro mineiro, a atriz paulistana conta que tem uma visão diferente do teatro mineiro. "É bem legal trabalhar aqui porque tem grupos sérios, muita pesquisa e profissionalismo", conta ela, reafirmando que o teatro mineiro nada fica devendo ao paulista.

**AGENDA** – "Mata Hari, Sentença para uma Auro-ra", direção de Carlos Gradim. De 6ª a sáb., às 21h, e dom., às 19h, no Teatro Marília (av. Alfredo Balena, 586, tel. 3224-4445). R\$ 5 (postos da Belotur). Até 24/2.



Tânia Castello: atriz afirma que o trabalho com os mineiros Carlos Gradim e Yara de Novaes, da Odeon Companhia Teatral, é uma perfeita "simbiose"

## Processo quer rever condenação

Em outubro faz 85 anos da morte de Mata Hari. Em Leeuwarden, na Holanda, onde nasceu, os cidadãos exigiram uma revisão do processo que a condenou ao fuzilamento em Paris. O Ministério da Justiça francês aceitou o recurso.

A demanda na Justiça se baseia em descobertas do ex-integrante da Resistência e historiador Leon Schirrmann, que juntou provas e até publicou "O Caso Mata Hari", documentando as falsificações mais clamorosas da montanha de acusações contra a ex-dançarina.

Filha de um modesto comerciante, Mata Hari era o nome artístico de Margarida

Gertrudes Zelle. Aos 16 anos, conheceu o capitão Rodolfo MacLeod, com o qual se casou em 1895. Acompanhou o marido, em seguida, para a Indonésia, onde permaneceu de 1897 a 1902.

Em 1903, ela aparece em Paris, onde começa a frequentar, como modelo, os estúdios dos pintores. Passou então à bailarina sob o nome de Lady Grescha, começando a relacionar-se com grandes figuras políticas. Em 1905, adotou o célebre pseudônimo. Foi em Paris, na Primeira Guerra Mundial, que foi presa, acusada de espionagem, condenada à morte e executada em 15 de outubro de 1917. (PC)

## Boa performance segura excessos



Pode se medir boa parte do talento de Carlos Gradim pelo espetáculo "Mata Hari, Sentença para uma Auro-ra". É nele que o diretor de "Amor e Restos Humanos" demonstra seu apuro estético e sua habilidade na direção. Gradim aproveita não só o talento dramático de Tânia Castello como explora ao máximo as possibilidades do cenário (de André Cortez) e da iluminação (de Telma Fernandes).

O espetáculo também se beneficia do talento de uma intérprete que não cede a maneirismos, que vai do drama intenso à extrema melancolia, sem per-

der as rédeas do personagem. Mesmo com 1,62 m, Tânia se agiganta em cena e expõe com devida teatralidade as histórias e contradições de uma mulher que sofreu um processo injusto. Só não é a melhor atriz do ano porque existe a "Olympia", de Angela Mourão.

O problema que há em "Mata Hari" é o próprio texto de Jorge Arroyo. É extremamente difícil em uma hora de espetáculo expor a vida e os conflitos de uma personagem tão polêmica, com tantos detalhes e reflexões, assim como são excessivas idas e vindas no tempo. Felizmente, para contrabalancear os excessos, existe muita poesia. (PC)